

**DO MITO À RESISTÊNCIA: O *ÄTTESTUPA* E A CRÍTICA CULTURAL EM
*NORSEMEN***

**FROM MYTH TO RESISTANCE: *ÄTTESTUPA* AND CULTURAL CRITIQUE
IN *NORSEMEN***

**DEL MITO A LA RESISTENCIA: EL *ÄTTESTUPA* Y LA CRÍTICA
CULTURAL EN *NORSEMEN***

Déborah Leticia Ferreira de Sousa¹
Fábio Marques de Souza²

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte analítico de uma pesquisa em desenvolvimento, cujo *corpus* é a série *Norsemen*. O objetivo é analisar a cena do episódio 1 da primeira temporada, em que se encena o ritual do *ättestupa*, a fim de compreender como o humor paródico e a carnavalização operam na subversão de discursos normativos relacionados à honra, ao envelhecimento e ao sacrifício coletivo. A metodologia adotada é qualitativa e interpretativista, com base na Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin e do Círculo que o acompanha. A análise da cena mostra uma tensão entre a voz tradicional, que valoriza o sacrifício como honra, e vozes dissidentes, que recusam essa lógica e ressignificam o mito sob a ótica resistência individual. Por meio do riso, da ironia e da quebra de expectativas, a série desconstrói o *ättestupa* como símbolo de virtude e o reposiciona como alegoria da opressão social e do controle sobre os corpos envelhecidos. Concluímos que *Norsemen* transforma o trágico em grotesco, abrindo espaço para uma crítica contemporânea à marginalização da velhice e à lógica utilitarista que associa valor à produtividade. Assim, o humor da série revela-se uma estratégia discursiva que questiona mitos fundadores e propõe novas leituras sobre tradição, memória e exclusão.

Palavras-chave: Envelhecimento; *ättestupa*; *Norsemen*; O Círculo de Bakhtin, Análise Dialógica do Discurso.

ABSTRACT

This article presents an analytical excerpt of an ongoing research project whose corpus is the series *Norsemen*. The objective is to analyze the scene from episode 1 of the first season, in which the ritual of *ättestupa* is staged, in order to understand how parodic humor and carnivalization operate in the subversion of normative discourses related to honor, aging, and collective sacrifice. The methodology adopted is qualitative and interpretivist, based on Dialogic Discourse Analysis (DDA), according to the theoretical assumptions of Mikhail Bakhtin and the Bakhtin Circle. The analysis of the scene reveals a tension between the traditional voice, which values sacrifice as honor, and dissident voices, which reject this logic and resignify the myth

¹ Mestranda em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG). Especialista em O Círculo de Bakhtin em diálogo: linguagem, cultura e sociedade (SUDAMÉRICA), licenciada em Letras-Espanhol (UEPB). Membro do Círculo de Bakhtin em Diálogo (DGP/CNPq/UEPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6247-6747>. E-mail: dlfsousa4@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor na Faculdade de Linguística, Letras e Artes e no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4538-3204>. E-mail: fabiohispanista@gmail.com.



from the perspective of individual resistance. Through laughter, irony, and the breaking of expectations, the series deconstructs the *ättestupa* as a symbol of virtue and repositions it as an allegory of social oppression and control over aging bodies. We conclude that *Norsemen* transforms the tragic into the grotesque, opening space for a contemporary critique of the marginalization of old age and the utilitarian logic that associates value with productivity. Thus, the series' humor proves to be a discursive strategy that questions founding myths and proposes new readings on tradition, memory, and exclusion.

Keywords: Aging; *ättestupa*; *Norsemen*; Bakhtin Circle; Dialogic Discourse Analysis.

RESUMEN

Este artículo presenta un recorte analítico de una investigación en desarrollo cuyo corpus es la serie *Norsemen*. El objetivo es analizar la escena del episodio 1 de la primera temporada, en la que se representa el ritual del *ättestupa*, con el fin de comprender cómo el humor paródico y la carnavalización operan en la subversión de discursos normativos relacionados con el honor, el envejecimiento y el sacrificio colectivo. La metodología adoptada es cualitativa e interpretativista, basada en el Análisis Dialógico del Discurso (ADD), según los presupuestos teóricos de Mijaíl Bajtín y el Círculo que lo acompaña. El análisis de la escena muestra una tensión entre la voz tradicional, que valora el sacrificio como honor, y voces disidentes, que rechazan esa lógica y resignifican el mito desde la perspectiva de la resistencia individual. A través de la risa, la ironía y la ruptura de expectativas, la serie deconstruye el *ättestupa* como símbolo de virtud y lo reposiciona como alegoría de la opresión social y del control sobre los cuerpos envejecidos. Concluimos que *Norsemen* transforma lo trágico en grotesco, abriendo espacio para una crítica contemporánea a la marginación de la vejez y a la lógica utilitarista que asocia valor con productividad. Así, el humor de la serie se revela como una estrategia discursiva que cuestiona mitos fundadores y propone nuevas lecturas sobre tradición, memoria y exclusión.

Palabras clave: Envejecimiento; *ättestupa*; *Norsemen*; Círculo de Bajtín; Análisis Dialógico del Discurso.

INTRODUÇÃO

O interesse da primeira autora deste texto pela mitologia nórdica é de longa data e vem sendo aprofundado por meio do estudo das sagas antigas, das tradições culturais e das representações modernas dessa rica tradição (Sousa, 2023; Souza, Sousa, 2023). A escolha da série *Norsemen* (Vikingane. Noruega: NRK, 2016–2020. Série de comédia. Disponível em: Netflix) como *corpus* analítico emerge dessa trajetória e do desejo de compreender como elementos dessa tradição são ressignificados no campo do audiovisual. A série, marcada pelo humor satírico e paródico, oferece inúmeras possibilidades de leitura e interpretação, especialmente ao abordar temas sensível como honra, envelhecimento e sacrifício.

Este artigo apresenta um recorte analítico da pesquisa de Sousa (2025) e tem como objetivo analisar a cena do episódio 1 da primeira temporada da série *Norsemen*,

na qual é encenado o ritual do *ättestupa*. Interessa-nos compreender como o humor paródico e a carnavalização operam na subversão dos discursos normativos relacionados à honra, ao envelhecimento e ao sacrifício coletivo na cultura nórdica.

O *ättestupa* é um mito cultural associado às sociedades nórdicas pré-cristãs, que descreve a prática, possivelmente simbólica ou lendária, de idosos se lançarem voluntariamente (ou serem lançados) de penhascos como forma de evitar se tornarem um fardo para suas famílias ou comunidades. Embora não haja consenso entre historiadores sobre a existência real do ritual, a narrativa do *ättestupa* persiste na tradição oral escandinava, nas sagas e na literatura como metáfora da honra, do sacrifício e da responsabilidade coletiva. O termo remete a uma visão utilitarista da velhice, em que o valor do indivíduo estaria condicionado à sua capacidade de contribuir com o grupo. Nas leituras contemporâneas, o *ättestupa* é frequentemente interpretado como um símbolo crítico das formas de exclusão social e do controle sobre os corpos envelhecidos.

Partimos da hipótese de que, ao recorrer ao riso e à ironia para representar o *ättestupa*, a série desestabiliza os mitos fundadores da tradição guerreira escandinava, evidenciando as contradições entre os valores heroicos e a experiência concreta dos sujeitos que os vivenciam. A recusa dos personagens idosos em participar do ritual, aliada à banalização de seu propósito simbólico, revela a existência de vozes dissidentes que confrontam a lógica sacrificial e reivindicam a dignidade da existência individual frente ao discurso dominante.

A abordagem adotada é qualitativa e interpretativista, fundamentada na Análise Dialógica do Discurso (ADD), a partir dos conceitos e fundamentos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2003, 2010, 2013, 2016; Brait, 2006a, 2006b; Destri, Marchezan, 2021; Volóchinov, 2017). A cena analisada, retirada do episódio 1 da primeira temporada da série *Norsemen*, é examinada como um enunciado estético-discursivo, atravessado por vozes que dialogam entre o mito nórdico do *ättestupa* e discursos contemporâneos sobre envelhecimento, honra e utilitarismo social.

Para tanto, mobilizamos os conceitos de dialogismo, polifonia e carnavalização, com os quais investigamos como a série mobiliza recursos humorísticos, satíricos e paródicos para subverter valores tradicionalmente associados à cultura *viking*. Assim, o fragmento analisado constitui-se como um espaço polifônico, em que diferentes discursos se confrontam, produzem significados e reconfiguram o imaginário hegemônico.

A partir da perspectiva bakhtiniana, compreendemos o dialogismo como a natureza interativa, dinâmica e polifônica do discurso, em que múltiplas vozes – oficiais, marginais, tradicionais e dissidentes – se confrontam e negociam sentidos. Em articulação com esse conceito, mobilizamos ainda as noções de polifonia e carnavalização que nos permite observar como o riso e a inversão simbólica atuam nas desconstruções de discursos hegemônicos.

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD): PRESSUPOSTOS PARA A LEITURA DO *ÄTTESTUPA*

A Análise Dialógica do Discurso (ADD), enquanto abordagem metodológica fundamentada nos princípios do Círculo de Bakhtin, constitui um instrumental teórico-analítico potente para a leitura de produtos culturais e audiovisuais entendidos como enunciados verbo-voco-visuais, atravessados por vozes sociais, ideologias e valores. Conforme Brait (2006a; 2012a), a ADD parte da concepção de linguagem como interação social, na qual todo discurso se constrói em resposta a outros discursos, situando-se em contextos histórico-sociais específicos e refletindo tensões axiológicas. Desse modo, uma obra audiovisual, como a série *Norsemen*, não é tomada apenas como um objeto estético ou narrativa ficcional, mas como espaço enunciativo polifônico no qual diferentes posições ideológicas entram em disputa pela produção de sentidos.

Sobral e Giacomelli (2016; 2018) mostram que a análise dialógica mobiliza três focos articulados: (i) as relações dialógicas, (ii) os gêneros do discurso e (iii) as formas da língua. Esses focos orientam as atividades complementares de descrição, análise e interpretação, sempre articuladas a uma perspectiva ético-axiológica. Assim, o discurso audiovisual é concebido como uma totalidade concreta que combina elementos verbais, sonoros e visuais, configurando-se como um enunciado verbo-voco-visual (Paula; Luciano, 2020). Tal natureza híbrida exige do analista atenção tanto às escolhas composicionais e estilísticas quanto à dimensão ideológica que organiza a obra.

Considerando que todo enunciado é constituído pela presença do outro e orientado responsivamente à alteridade (Bakhtin, 2010), a ADD possibilita evidenciar conflitos de vozes, disputas ideológicas e tensões valorativas presentes nas

representações culturais. Isso se torna especialmente relevante quando o objeto de análise faz uso de estratégias discursivas como a paródia, a ironia e o riso para questionar e subverter discursos hegemônicos — como ocorre na cena do *ättestupa* em *Norsemen*.

Assim, mais do que aplicar categorias fixas, a ADD pressupõe uma atitude investigativa dialógica, na qual pesquisador e objeto interagem num processo analítico vivo, em permanente construção de sentidos situados historicamente (Geraldi, 2012; Rohling, 2014). Neste artigo, essa abordagem orienta a leitura da série a partir dos conceitos de dialogismo, polifonia e carnavalização, elaborados pelo Círculo de Bakhtin, que constituem eixos fundamentais para compreender como a narrativa ressignifica criticamente o mito nórdico do *ättestupa*, subvertendo valores como honra, sacrifício e coletividade por meio do humor e da crítica cultural.

O dialogismo, segundo Bakhtin (2003 [1979]), concebe todo enunciado como resposta e antecipação de outros enunciados. O discurso nunca é isolado ou neutro; ele carrega em si as marcas de outras vozes, com as quais mantém relações de tensão, confronto ou ressonância. Nesse contexto, o diálogo entre tradição e contemporaneidade na cena do *ättestupa* emerge como um jogo dialógico entre vozes que naturalizam o sacrifício e outras que o deslegitimam. O enunciado heroico da honra, cristalizado na memória cultural escandinava, é tensionado por personagens que recusam o rito e enunciam sentidos dissidentes sobre envelhecimento e dignidade.

Ao considerar o discurso como espaço de interação, o dialogismo revela-se inseparável da noção de responsividade, pois todo enunciado é, ao mesmo tempo, resposta a outros e antecipação de futuras respostas (Bakhtin, 2010). Isso significa que a palavra nunca é neutra: ela carrega intencionalidades, valores e posicionamentos ideológicos. Como explica Brait (2006a), o enunciado é sempre orientado por uma alteridade constitutiva, um "outro" a quem se responde, com quem se negocia sentidos e diante de quem se posiciona.

Essa relação com o outro, para além da simples interlocução, é atravessada por tensões valorativas, que evidenciam os conflitos e disputas ideológicas presentes em toda prática discursiva. Para Faraco (2009), a orientação valorativa é aquilo que confere direção axiológica ao dizer, isto é, o modo como o sujeito se relaciona com o conteúdo temático, com o outro e com o mundo. Na cena do *ättestupa*, por exemplo, não se trata apenas de narrar um rito: os personagens ocupam posições valorativas distintas diante do ritual, alguns o endossam, outros o recusam, revelando, assim, uma arena de sentidos



em disputa. A leitura dialógica, portanto, permite identificar como essas vozes não apenas coexistem, mas se tensionam mutuamente, configurando o enunciado como espaço de confronto entre consciências sociais e históricas diversas.

A polifonia, conceito também central à teoria bakhtiniana, refere-se à presença de múltiplas consciências ideológicas autônomas no interior de um mesmo enunciado, que não se fundem sob uma única perspectiva. Em *Norsemen*, essa pluralidade de vozes se expressa na interação entre os personagens: Bjorn, como representante da tradição, resignado à lógica sacrificial; Oddvar e Eirik, que introduzem vozes críticas, irônicas e pragmáticas que desestabilizam o pacto simbólico do sacrifício. Tal composição revela um enunciado estético-discursivo que simula o diálogo entre distintas posições sociais, onde nenhuma voz é completamente anulada, isto é, essa polifonia permite que a cena opere como arena de disputas ideológicas sobre o valor do indivíduo.

Mais do que a simples coexistência de vozes, a polifonia, na perspectiva bakhtiniana, expressa a presença ativa de diferentes consciências ideológicas que se manifestam de modo relativamente autônomo no interior de um enunciado. Essas vozes não são meras opiniões ou pontos de vista: são posicionamentos axiológicos encarnados em sujeitos históricos e sociais que dialogam, confrontam-se e resistem à homogeneização (Bakhtin, 2013).

Trata-se, portanto, de uma relação tensa e assimétrica entre discursos que expressam valores, crenças e horizontes de mundo distintos. Como lembra Brait (2006b), a polifonia revela o conflito entre vozes que não se anulam mutuamente, mas se tensionam no interior da linguagem, convertendo o texto em uma arena de embate ideológico.

Em *Norsemen*, essa tensão emerge na cena do *ättestupa* quando a voz heroico-tradicional encarnada por Bjorn, resignado e conformado com o rito sacrificial, entra em confronto com as vozes pragmáticas e dissonantes de Oddvar e Eirik, que ironizam, recusam e deslocam o significado do sacrifício. Essa estrutura polifônica evidencia como o enunciado audiovisual se constitui como espaço de resistência simbólica, onde distintas posições sociais são dramatizadas e contrapostas.

A polifonia não apenas representa uma diversidade de vozes, mas articula o conflito entre formas de compreender o mundo, tornando-se fundamental para a análise de produtos culturais que encenam disputas de sentido em torno da memória, da tradição e da identidade.

A carnavalização, por sua vez, é um conceito que remonta à obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (Bakhtin, 1987), em que o mestre russo analisa a lógica do riso como forma de inversão simbólica das hierarquias sociais. Na cultura carnavalesca, o profano subverte o sagrado, o grotesco rebaixa o sublime e o riso revela o caráter provisório das verdades instituídas. Em *Norsemen*, o ritual do *ättestupa*, originalmente carregado de solenidade e heroísmo, é transformado em uma cena burocrática, absurda e tragicômica, onde o humor denuncia a artificialidade da tradição. O que era celebrado como honra torna-se um gesto vazio, e os que recusam o salto assumem, paradoxalmente, a posição mais ética da narrativa.

Mais do que uma estratégia cômica, o riso carnavalesco, tal como concebido por Bakhtin (1987), possui uma função crítica e subversiva. Ele não apenas zomba da ordem instituída, mas revela sua precariedade e historicidade, promovendo uma suspensão temporária das hierarquias e das verdades absolutas. No plano simbólico, esse riso é profundamente político: ele contesta a oficialidade, desmistifica o poder e resgata o corpo como lugar de transformação e vitalidade. É nesse sentido que o grotesco, presente na lógica carnavalesca, não deve ser visto como deformação negativa, mas como estética da desestabilização: aquilo que põe em xeque o sublime e sacralizado (Bakhtin, 1987; Brait, 2006b).

Em *Norsemen*, o *ättestupa* grotescamente encenado como um procedimento administrativo, com filas, protocolos e recusas burocráticas, transforma o trágico em ridículo, evidenciando a artificialidade e o esvaziamento simbólico da tradição. Ao destacar o corpo idoso como elemento incômodo para a lógica social, a cena convoca o espectador a refletir a respeito dos dispositivos de biopolítica e biopoder que regulam e descartam vidas consideradas “improdutivas”. O riso que emerge desse contexto, portanto, não é gratuito: ele opera como crítica à exclusão, desnaturalizando discursos de honra e sacrifício que mascaram formas sutis de violência simbólica. Nesse gesto, o humor grotesco se configura como resistência, pois reintroduz o corpo, a vida e o sensível como centrais na disputa por dignidade e reconhecimento.

Com base nos conceitos teórico-filosóficos mobilizados em nossa pesquisa, é possível perceber que a cena não se limita a ironizar o passado, ela se projeta como uma reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais da contemporaneidade. O mito do *ättestupa*, ao ser ressignificado à luz da carnavalização evidencia contradições ainda vigentes nas sociedades contemporâneas, especialmente no que diz respeito à marginalização dos idosos e à lógica utilitarista que associa o valor do indivíduo à sua capacidade produtiva.



Assim, a teoria dialógica do discurso, ao enfatizar o conflito, a multiplicidade e a reavaliação constante dos sentidos, oferece as ferramentas necessárias para analisar a profundidade ideológica e simbólica da cena.

Tendo apresentado os fundamentos da ADD que orienta nossos estudos, passamos, na seção seguinte, à análise da cena do *ättestupa* em *Norsemen*, observando como os elementos discursivos e estéticos se articulam para construir uma crítica paródica ao mito da honra e à invisibilização dos sujeitos envelhecidos.

ANÁLISE

A série *Norsemen*, produzida na Noruega e lançada em 2017, é uma comédia satírica ambientada em um vilarejo viking fictício no ano 790 d.C. Combinando estética histórica e humor contemporâneo, a série revisita elementos da cultura nórdica tradicional por meio de uma abordagem paródica que subverte expectativas e tensiona discursos hegemônicos. Em meio a narrativas sobre invasões, honra, hierarquias e sacrifícios, *Norsemen* expõe, com ironia e exagero, os códigos morais e ideológicos do universo viking, deslocando-os criticamente para o presente. Por isso, constitui-se como um corpus produtivo para a ADD, na medida em que encena, em sua materialidade verbo-voco-visual, o embate de vozes sociais, valores em disputa e construções identitárias instáveis.

A cena selecionada para esta análise está localizada no episódio 1 da primeira temporada e gira em torno da realização do ritual do *ättestupa*. Nela, participam personagens centrais da trama: Bjorn, um idoso resignado que representa a voz da tradição e da honra guerreira; Oddvar e Eirik, homens de meia-idade que se colocam como vozes pragmáticas e críticas ao rito; e Kark, um escravo encarregado de coordenar a cerimônia, que atua como mediador entre a autoridade cultural do ritual e a recusa dos personagens. As relações entre esses seres expressivos falantes, suas posições sociais e suas escolhas ao longo da cena são fundamentais para a compreensão dos sentidos que emergem no enunciado.

Os dois trechos escolhidos (01min55s–02min51s e 04min20s–05min29s) concentram os momentos de maior tensão entre a expectativa do cumprimento do *ättestupa* e sua recusa performada pelos personagens. Este recorte foi selecionado por condensar, em sua forma estética-discursiva, os principais elementos que orientam esta análise: o conflito entre tradição e dissidência, a produção de humor grotesco, e o

desmascaramento do discurso da honra como valor universal. A cena opera como espaço privilegiado para investigar como o riso, a paródia e a inversão simbólica (carnavalização) tensionam os mitos fundadores da cultura nórdica, permitindo leituras críticas sobre envelhecimento, utilitarismo social e exclusão.

A partir dos aportes da ADD mobilizamos os conceitos de dialogismo, polifonia e carnavalização para interpretar os sentidos que emergem da cena. O dialogismo será observado nas relações tensas entre vozes que sustentam e que subvertem o rito; a polifonia, na presença de múltiplas consciências ideológicas em embate; e a carnavalização, na inversão hierárquica que transforma o trágico em grotesco e o sagrado em risível. Assim, a análise pretende evidenciar como o discurso audiovisual, enquanto enunciado verbo-voco-visual, se constitui como espaço de disputas ideológicas, atualização de memórias culturais e resistência simbólica às formas instituídas de exclusão e sacrifício.

Figura 1: Cena do recorte T01_EP01 - 01:55-02:51 / 04:20-05:29



Fonte: *Norsemen – The Ättestupa*, YouTube, 2017. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GMZueqk7pGM>. Acesso em: 10 de outubro de 2025)

Transcrição 01:

Kark: É chegada a hora do Ättestupa. Alguém se candidata? Bjorn, você é o mais velho. Devia ser o primeiro a pular.

Bjorn: Se outra pessoa quiser pular, por mim tudo bem.
Kark: Alguém mais está com vontade?
Eirik: Não, o Bjorn pode ir.
Oddvar: Tudo bem. Pode ir.
Bjorn: Está bem. Se ninguém quer pular, eu pulo. É uma questão de honra, não é?
Kark: O *Ättestupa* é uma das coisas mais honradas que há.
Oddvar: Honra é um negócio importante.
Eirik: É.
Kark: Podem andar para trás e abrir espaço para ele?
Bjorn: Nos veremos do outro lado.
Oddvar: Isso. Até lá.
Bjorn: À Valhalla!
(Bjorn pula do precipício)).
Eirik: Uau!
Kark: Oddvar, que tal ser o próximo?
Oddvar: Estou pensando, o que de pior poderá me acontecer se eu não fizer o *Ättestupa*? O que pode ser pior do que se despedaçar?
Kark: Não sei. Tive ordem de trazê-los aqui. Vocês devem pular para aliviar sua família peso que é sustentá-los na velhice.
Oddvar: Mas eu só tenho 47 anos. É... não sou muito velho. Eu passo.
Kark: Está bem.
Eirik: Isso. Também não vou pular. Não é a minha praia.
Oddvar: Alguém mais quer pular?
Kark: Vamos lá, pessoal.
Oddvar: Não é muito tentador.
Kark: Tudo bem, eu sou só um escravo. Não posso forçá-los a fazer o que não querem, mas poderiam ficar longe de Norheim para as pessoas não verem que não fizeram o *Ättestupa*?
Oddvar e Eirik: Claro.
Oddvar: Você nunca mais nos verá.
Kark: Ótimo. Obrigado. Maravilha. Muito bem. Tchau. (Falas referentes às cenas da Temporada 01 e Episódio 01 em 01min55s à 02min51s; e em 04min20s à 05min29s.)

O *ättestupa* é um mito cultural associado às tradições nórdicas pré-cristãs e narrado como a prática na qual idosos, ao atingirem uma idade avançada, lançavam-se voluntariamente — ou eram lançados — de penhascos, a fim de evitar tornar-se um fardo para suas famílias ou comunidades. Apesar da ausência de evidências arqueológicas ou documentais conclusivas que comprovem sua prática histórica, a persistência dessa narrativa na memória coletiva escandinava e em registros literários posteriores revela muito sobre os valores ideológicos que estruturavam essas sociedades. O mito dialoga com pilares da cultura nórdica antiga, como a honra (*scemd*), o vínculo comunitário e a ética do autossacrifício pelo bem coletivo.

Ainda que a historiografia discuta sua veracidade enquanto prática ritual efetiva, há indícios de sua circulação cultural no imaginário nórdico. Odén (1996), ao citar



investigações conduzidas pelo etnólogo sueco Gunnar Granberg na década de 1930, relata entrevistas realizadas com idosos na região de Småland, na Suécia, segundo os quais, em tempos pagãos, os suecos tiravam a vida de seus idosos. Esses relatos, mesmo que tardios e de caráter oral, sugerem que o *ättestupa* esteve presente, ao menos como crença socialmente compartilhada, transmitida ao longo dos séculos como narrativa legitimadora de valores de honra e utilidade social.

Assim, filiamos-nos à perspectiva de que o *ättestupa*, independentemente de sua efetiva ocorrência histórica, constitui um mito cultural potente, cuja transmissão oral ao longo do tempo preservou significados ideológicos que continuam a ser reatualizados em diferentes contextos discursivos. Trata-se menos de comprovar sua existência factual e mais de reconhecer sua força simbólica como dispositivo narrativo de controle social e regulação dos corpos envelhecidos nas sociedades nórdicas pré-cristãs, força essa que explica sua recorrência em releituras literárias e audiovisuais contemporâneas, como é o caso da série *Norsemen*.

As sociedades nórdicas eram organizadas em torno de uma visão comunitária fortemente hierárquica e guerreira, onde o indivíduo estava intimamente ligado ao seu papel dentro do clã ou da vila. A sobrevivência dependia da capacidade do grupo de se autossustentar, especialmente em um ambiente hostil. A ideia de que os idosos deveriam se sacrificar para evitar se tornar um “peso” pode ser interpretada não apenas como uma questão de sobrevivência econômica, mas como um reflexo da ética da responsabilidade coletiva.

O conceito de honra *sæmd* era central na cultura nórdica, especialmente no contexto das sagas islandesas. O destino dos guerreiros, por exemplo, era alcançar o *Valhalla*, o paraíso reservado aos que morriam com bravura em batalha. A velhice, por sua vez, podia representar uma ameaça a essa visão idealizada, já que um idoso incapacitado não contribuiria mais para a comunidade. Assim, a narrativa do *Ättestupa* pode ser entendida como uma metáfora trágica do destino do indivíduo que perde sua utilidade social.

A cena de *Norsemen* que retrata o *ättestupa* pode ser interpretada, à luz da ADD, como uma subversão irônica dos mitos nórdicos. Nela, as bases simbólicas da honra e do sacrifício são colocadas em xeque por meio do riso e da paródia. O diálogo entre Bjorn, Kark, Oddvar e Eirik funciona como arena dialógica na qual vozes da tradição heroica se confrontam com discursos de contestação, pragmatismo e resistência.

Observa-se que, a voz de Bjorn, que personifica o ideal de honra e fatalismo nórdico, se dilui diante do ceticismo de Oddvar e Eirik, que questionam a lógica subjacente ao ritual, “Mas eu só tenho 47 anos. É... não sou muito velho. Eu passo”. Esse conflito de vozes manifesta a polifonia bakhtiniana, na qual não há uma única verdade absoluta, mas um caleidoscópio de perspectivas que se entrecruzam e se negam. Isto é, rompe com o pacto simbólico do sacrifício e desestabiliza a lógica da honra.

Essa reinterpretação do mito também se insere no conceito de carnavalização, conforme descrito por Bakhtin (1987), ao dissolver o sagrado em cômico e expor a arbitrariedade do rito. A inversão simbólica característica da cultura carnavalesca opera aqui como força crítica, desmascarando o valor oficial do sacrifício. O riso transforma a cena em espaço de resistência, onde o grotesco e o absurdo desestabilizam a pretensa solenidade *ättestupa*.

Essa reinterpretação do mito também se insere no conceito de carnavalização, conforme descrito por Bakhtin (1987), ao dissolver o sagrado em cômico e expor a arbitrariedade do rito. A inversão simbólica característica da cultura carnavalesca opera aqui como força crítica, desmascarando o valor oficial do sacrifício. No entanto, é importante lembrar que o conceito de carnavalização, em Bakhtin, possui raízes históricas profundas, sendo formulado a partir da análise da obra de François Rabelais (*A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*), onde o riso popular não é entendido como superficial ou evasivo, mas como expressão de uma visão de mundo alternativa: corporal, material, cíclica e coletiva. O riso carnavalesco, nesse contexto, assume função social e política ao suspender provisoriamente as hierarquias e dar voz aos excluídos, propondo uma renovação do mundo por meio da grotesca exposição do corpo e da desmistificação dos discursos instituídos.

Em *Norsemen*, esse processo se concretiza quando o *ättestupa*, outrora revestido de solenidade e heroísmo, é encenado como um procedimento banal e burocrático, marcado pela hesitação dos personagens, pela lógica absurda de sua justificação e pela recusa aberta de seus participantes. O grotesco da cena, que transforma a morte ritual em um momento tragicômico, evidencia a artificialidade da tradição e inverte a lógica sacrificial: os que se negam a morrer passam a ocupar a posição ética da narrativa. O espaço simbólico, que deveria glorificar o sacrifício, é rebaixado ao plano da desordem, da dúvida e do questionamento. Assim, o riso não atua apenas como forma de entretenimento, mas como instrumento de resistência simbólica que desestabiliza as verdades hegemônicas e reposiciona o sujeito envelhecido não como peso, mas como

voz ativa em um campo de disputas ideológicas. A carnavalização, portanto, permite à série tensionar o mito do i não apenas como paródia de um passado distante, mas como crítica à lógica contemporânea que associa valor à produtividade e invisibiliza os que já não se enquadram nesse paradigma.

O que deveria ser um ato sublime e transcendental se revela como uma encenação vazia, quase burocrática, sugerindo que a verdadeira tragédia está na imposição de significados vazios e opressores sob a máscara da tradição. O ato de Oddvar e Eirik recusarem o sacrifício não é apenas uma negação do ritual, mas uma recusa simbólica de submeter-se à ideologia que o legitima. Essa recusa se torna, assim, um ato de resistência ao discurso monológico que exige conformidade.

Além disso, a cena se projeta como uma metáfora crítica da contemporaneidade. A ideia de que os idosos são um “peso” ressoa nos debates atuais sobre o valor das vidas na terceira idade, o envelhecimento e o utilitarismo social. A comédia da cena esconde uma reflexão amarga: o quanto a sociedade está disposta a sacrificar o indivíduo em nome de ideais supostamente coletivos? Nesse contexto, o *ättestupa* vem como um símbolo da alienação social, onde o indivíduo se torna descartável diante das exigências de uma comunidade que valoriza a utilidade mais do que a dignidade humana. A desconstrução do mito revela, assim, a fragilidade das narrativas culturais que sustentam estruturas de poder e opressão.

Norsemen (2017) convida o espectador a questionar as bases ideológicas que sustentam o conceito de honra, tradição e sacrifício através da ironia e do grotesco, que o verdadeiro heroísmo pode estar na rejeição da imposição cultural. A cena dialoga, portanto, com a essência do pensamento bakhtiniano: o mundo é uma arena de vozes em conflito, onde cada discurso pode ser subvertido, cada símbolo, ressignificado, e cada mito, desnudado em sua fragilidade (Bakhtin, 2013).

Historicamente, a narrativa do *Ättestupa* pode ter sido utilizada como uma forma de controle social, uma espécie de “discurso disciplinador” que reforçava o valor do sacrifício pessoal. Com a cristianização da Escandinávia, práticas como o *Ättestupa* foram reinterpretadas, muitas vezes como evidências da “barbárie” pagã, em contraste com os valores cristãos de compaixão e preservação da vida. O mito serviu, portanto, como uma ferramenta ideológica para reforçar novas estruturas de poder.

Na sociedade contemporânea, marcada pela lógica do capitalismo, o valor do indivíduo é frequentemente associado à sua capacidade de produzir e consumir. Os idosos, muitas vezes, são marginalizados porque não se encaixam mais nesse paradigma

de eficiência econômica. A cena em *Norsemen* reflete esse processo: o sacrifício dos idosos para “aliviar” o fardo das famílias ressoa com a forma como, na realidade, muitos idosos são tratados como um peso econômico e social. Instituições como asilos, por exemplo, podem ser interpretadas como versões modernas do *Ättestupa*, onde o isolamento e a invisibilidade são impostos sob o pretexto de cuidado.

A recusa de Oddvar e Eirik em participar do ritual não é apenas um ato de resistência ao sacrifício, mas se constitui como uma metáfora potente da luta contra a invisibilidade social imposta aos sujeitos envelhecidos. A sociedade moderna, marcada pela lógica da produtividade, tende a ocultar a velhice, relegando os idosos a espaços segregados e silenciosos, como asilos e instituições de longa permanência, onde sua existência se torna marginal. Tal aversão cultural ao envelhecimento, como decadência e improdutividade, se manifesta tanto na escassa representação midiática quanto na ausência de políticas públicas robustas voltadas à valorização da terceira idade.

Nesse contexto a fala irônica de Oddvar – “Estou pensando, o que de pior poderá me acontecer se eu não fizer o *Ättestupa*? O que pode ser pior do que se despedaçar?” – adquire um valor simbólico de contestação. Ao recusarem o salto, ele e Eirik não apenas rejeitam um ritual opressor, mas desestabilizam a ideia de que a vida do idoso tem menos valor. A cena, ao acolher essas vozes dissidentes, se configura como um enunciado polifônico no qual o discurso dominante sobre o envelhecimento é tensionado por outras vozes valorativas, mais éticas e humanizadas. Tal tensão evidencia, à luz da perspectiva bakhtiniana, que os sentidos sobre a velhice não são fixos ou homogêneos, mas resultado de disputas ideológicas e culturais que atravessam a sociedade.

A cena também evidencia uma crítica contundente à alienação social contemporânea, na qual o valor do indivíduo é condicionado à sua capacidade de produzir e consumir. Nesse horizonte, quando o sujeito deixa de corresponder às exigências impostas pelo sistema econômico, torna-se descartável. Nessa perspectiva, o mito do *ättestupa* é mobilizado em *Norsemen* como alegoria das políticas neoliberais que, sob a retórica da eficiência e da racionalidade econômica, naturalizam a exclusão e desumanizam grupos considerados “improdutivos”, como os idosos. Tal leitura aproxima-se das reflexões de Bauman (1999), para quem a descartabilidade é um traço constitutivo da modernidade líquida, marcada por relações sociais frágeis e pela lógica do consumo: aquilo, ou aquele, que não “serve” mais é sumariamente eliminado. A série traduz essa lógica de forma simbólica ao converter o sacrifício ritualizado em metáfora

da exclusão contemporânea, na qual a velhice é percebida não como etapa legítima da vida, mas como peso social.

Sob essa perspectiva, o mito do *ättestupa* é constantemente reatualizado como dispositivo de crítica cultural à sociedade utilitarista, que atrela valor humano à produtividade e legitimidade ao desempenho econômico. Em *Norsemen* (2017), essa crítica é tensionada pelo uso do humor paródico, estratégia discursiva que desestabiliza significados cristalizados e expõe contradições ideológicas. A inversão paródica revela o abismo entre o discurso de honra associado ao sacrifício e a realidade do abandono social dos idosos. Assim, o que outrora era exaltado como ritual de dignidade passa a ser desvelado como mecanismo de opressão mascarado sob o pretexto da tradição.

Essa articulação entre mito e prática cultural contemporânea evidencia o potencial político do riso enquanto estratégia discursiva de resistência. Conforme analisa Brait (2006b), a carnavalização permite que a arte subverta valores oficializados, instaurando zonas de contestação e liberdade simbólica. Em *Norsemen*, o riso grotesco rebaixa a solenidade do sacrifício e reposiciona os sujeitos envelhecidos como figuras de dissenso, capazes de denunciar violências naturalizadas. Desse modo, o humor não atua apenas como recurso de entretenimento ou ridicularização do sagrado, mas como gesto ético-político que restitui a palavra às vozes historicamente silenciadas, desmontando a cultura da descartabilidade.

No primeiro recorte da análise, observa-se como a cena do sacrifício expõe a hipocrisia de uma coletividade que celebra a honra enquanto nega o direito à vida dos mais vulneráveis. No segundo recorte, evidencia-se como a sátira do ritual, sobretudo por meio da voz dissonante de Kark, desnuda a arbitrariedade de crenças e práticas rigidamente naturalizadas, desestabilizando sua legitimidade. Nesse sentido, ao tensionar discursos instituídos, a série ativa o que Bakhtin (1987) denomina carnavalização: a profanação de hierarquias, o questionamento do sagrado e a emergência de vozes resistentes. Assim, *Norsemen* converte um símbolo de heroísmo em alegoria do controle social, reinscrevendo o trágico no registro do grotesco. Ao desarticular a lógica sacrificial como dever coletivo, a série não apenas revisita criticamente o passado, mas também ilumina suas ressignificações no presente.

PALAVRAS (IN)CONCLUSIVAS

Este artigo apresentou um recorte analítico da pesquisa de Sousa (2025), cujo objetivo foi examinar a cena do *ättestupa* no episódio inicial da série *Norsemen*, identificando como o humor paródico e a carnavalização operam na subversão de discursos normativos sobre honra, velhice e sacrifício coletivo. A partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD), fundamentada nos princípios do Círculo de Bakhtin, foi possível compreender a cena enquanto enunciado verbo-voco-visual atravessado por vozes sociais em tensão, revelando a disputa de sentidos que se estabelece entre tradição e resistência.

Os resultados da análise evidenciam que a série mobiliza o mito nórdico do *ättestupa* para construir um comentário crítico sobre a lógica utilitarista que perpassa tanto sociedades tradicionais quanto contemporâneas. Enquanto o discurso hegemônico exalta a honra e a abnegação como valores supremos, vozes dissidentes emergem na cena, representadas especialmente por Oddvar e Eirik, para questionar a legitimidade do rito e denunciar sua dimensão violenta e excludente. Assim, a obra recupera o mito não como celebração identitária, mas como alegoria das formas de descarte humano ainda vigentes, sobretudo em relação aos sujeitos envelhecidos.

A abordagem dialógica permitiu observar que a cena analisada não se estrutura de forma homogênea: ela é polifônica, abriga conflitos ideológicos e representa o discurso não como sistema fechado, mas como campo de disputa. O riso grotesco, ao parodiar o ritual e expor sua arbitrariedade, opera como recurso crítico capaz de desnaturalizar valores tidos como absolutos. Nesse processo, a carnavalização se apresenta como estratégia estética e política que rebaixa o sublime, profana a tradição e instaura um espaço para a crítica social.

Desse modo, constatamos que *Norsemen* ressignifica o imaginário heroico viking ao reposicionar a velhice não como etapa de declínio, mas como *locus* de contestação ética. O humor, longe de desqualificar o debate, constitui-se aqui como forma de resistência discursiva, permitindo que vozes marginalizadas, como a dos idosos, adquiram visibilidade e agência. A série transforma o trágico em grotesco e confronta práticas simbólicas de exclusão que dialogam com dilemas atuais, como a cultura da produtividade, a biopolítica e a descartabilidade humana (Bauman, 1999).

Reconhecemos que o recorte aqui apresentado não esgota as potencialidades interpretativas do corpus, que permanece aberto a novas leituras e desdobramentos analíticos. Como continuidade desta investigação, propomos explorar, em trabalhos futuros, outros elementos discursivos presentes na série, tais como a construção das



masculinidades vikings, os regimes de poder e servidão na figura de Kark e o papel do corpo como arena ideológica. Além disso, sugerimos que estudos posteriores ampliem o diálogo interdisciplinar com áreas como estudos do envelhecimento, antropologia do mito e crítica da cultura midiática.

Este artigo buscou contribuir para o campo dos estudos discursivos ao demonstrar como produtos audiovisuais contemporâneos podem operar como espaços de reflexão crítica a respeito de mitos culturais, identidades e relações de poder. Ao articular tradição e contemporaneidade, *Norsemen* evidencia que o riso é, também, uma forma de pensamento: uma prática discursiva capaz de desestabilizar verdades instituídas e reinscrever o humano no centro das narrativas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1925].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006a. p. 09-32.

BRAIT, B. Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico. In: FIGARO, R. (org.). **Comunicação e análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Contexto, 2012a. p. 79-98.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, Niterói-RJ, n. 20, p. 47-62, jan./jun. 2006b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238>. Acesso em: 30 mar. 2022.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. DOI:



10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em:
<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 4 jul. 2025.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: MIOTELLO, V. (org.). **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro e João editores, 2012. p. 19–39.

ODÉN, B. Ättestupan - myt eller verklighet?. **Scandia - Tidskrift för historisk forskning**, Suécia, Vol. 62, nº 2, 221-234p., 1996.

PAULA, L. de. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte-MG, v. 21, n. 1, p. 239–258, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.239-258>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 33, v. 3, p. 105-134, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e Análise Dialógica do Discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 44–60, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/les.v15i2.7561>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a Análise Dialógica do Discurso – ADD. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia-MG, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 26 ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/dl23-v10n3a2016-15>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma Análise Dialógica. **Linguagem e(m) Discurso**, Tubarão-SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180203-9317>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOUSA, D. L. F. **Subversão do normativo e resistências em “Norsemen”**: entre a tradição carnalizada e a contestação do imutável. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG): Campina Grande, 2025.

SOUSA, D.L.F. **Del senicidio al ättestupa moderno**: el discurso alrededor de la fe y de la muerte. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Espanhol) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2023. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/31719>. Acesso em: 31 maio 2025.

SOUZA, F. M. de; SOUSA, D. L. F. Del senicidio al ättestupa moderno: el discurso alrededor de la fe y de la muerte. **Saberes**: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, [S. l.], v. 23, n. 3, p. FILI01, 2023. DOI: 10.21680/1984-3879.2023v23n3ID33504. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/33504>. Acesso em: 4 jul. 2025.



SABERES

REVISTA INTERDISCIPLINAR
DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Volume 25, Nº01, Jan. 2025, ISSN 1984-3879

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

Submetido em: 30/06/2025

Aceito em: 25/06/2025